



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**CLÁUDIA ROBÉRIA DA SILVA**

**O JOGO TEATRAL NA PRÁTICA DOCENTE: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS  
COM ARTE EM UMA CRECHE MUNICIPAL DE FORTALEZA**

**FORTALEZA**

**2015**

CLÁUDIA ROBÉRIA DA SILVA

O JOGO TEATRAL NA PRÁTICA DOCENTE: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS COM  
ARTE EM UMA CRECHE MUNICIPAL DE FORTALEZA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Francisco José Chaves da Silva (Barrinha)

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências Humanas

---

- S579j Silva, Cláudia Robéria da  
O jogo teatral na prática docente: experiências pedagógicas com arte em uma creche municipal de Fortaleza / Cláudia Robéria da Silva. – 2015.  
46f.; 30 cm.
- Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, Fortaleza, 2015.  
Orientação: Prof. Dr. Francisco José Chaves da Silva (Barrinha)
1. Teatro na educação 2. Educação infantil I. Título.

CLÁUDIA ROBÉRIA DA SILVA

O JOGO TEATRAL NA PRÁTICA DOCENTE: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS COM  
ARTE EM UMA CRECHE MUNICIPAL DE FORTALEZA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Francisco José Chaves da Silva (Barrinha)

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Francisco José Chaves da Silva (Orientador)  
Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aparecida Pires  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

---

Prof. Dr. Messias Holanda Dieb  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico este trabalho aos amores da  
minha vida, meu esposo, Cláudio Alberto,  
companheiro de todos os momentos e  
lara, minha filha, benção maior.

## AGRADECIMENTOS

A Deus pelo consentimento da vida e da comunhão com o universo.

À minha avó Maria Raimunda, à minha mãe Edileusa, à minha tia Lucinha e meus irmãos: Claudileusa, Claude Neimy e Josiel, que me ensinaram que a maior riqueza são os nossos valores.

Ao meu pai e avô (*in memoriam*), por ser fonte de inspiração e de luta.

Aos meus mestres do teatro de rua, Ray Lima e Junio Santos, que me conduziram ao caminho de um teatro engajado, imprescindíveis às minhas próprias descobertas.

Aos amigos do grupo D'gandalha, na pessoa de Regina Lima, que acreditou num projeto de emancipação humana para a juventude de Icapuí.

Ao movimento Escambo de teatro de rua, pelos ensinamentos e militância a favor da Arte.

À professora Ângela Linhares, pelas descobertas no teatro e na vida através do envolvimento em suas criações artísticas, por ser luz no meu caminhar.

Às professoras, Luce Maria, Ivone Cordeiro, Marly Cordeiro e Margarida Furtado, por me inspirarem na luta por uma escola pública de qualidade.

Às professoras da rede municipal e demais equipe, que foram parceiras em muitas construções pedagógicas, especialmente, às minhas colegas do curso de especialização que juntas testemunhamos um novo momento na história da Educação Infantil de Fortaleza.

Aos meus professores do curso de docência na Educação Infantil que possibilitaram o diálogo constante com nossa prática pedagógica na creche, que me estimularam a ousar e a criar além das minhas próprias expectativas.

Às professoras, sujeitos da pesquisa, pela amabilidade com que se dispuseram a contribuir, e à instituição de Educação Infantil, na pessoa da coordenadora, pelo compromisso e satisfação com que me recebeu.

Ao meu orientador, professor Dr. Francisco José Chaves da Silva, pela orientação sábia e paciente, pela forma como acolheu minhas inquietações e incertezas indicando caminhos de um pensar crítico e sensível.

“A educação será tão mais plena quanto mais esteja sendo um ato de conhecimento, um ato político, um compromisso ético e uma experiência estética”.

(Paulo Freire)

## RESUMO

Este estudo traz como tema “O jogo teatral na prática docente: experiências pedagógicas com Arte em uma creche municipal de Fortaleza” e tem por objetivo compreender a perspectiva das professoras sobre a prática pedagógica pautada no fazer teatral. Assim, teve como apoio teórico estudos sobre Arte-educação feitos por Duarte Junior (1991), Linhares (2002), teatro na escola por Reverbel (1997) e as legislações atuais para a Educação Infantil, dentre outros. Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo e teve como procedimento metodológico a entrevista semiestruturada. A pesquisa aconteceu em uma instituição pública, seus sujeitos foram quatro professoras efetivas da rede municipal. Os resultados obtidos revelaram que o jogo teatral na prática docente acontece, cotidianamente, articulado a outras práticas artísticas, como a música e a dança. O jogo teatral também está vinculado a Contações de histórias, a brincadeiras de faz de conta. O estudo revelou que a partir da experiência dramática há desenvolvimento da expressividade, da oralidade, da confiança. Contudo, há muitos desafios na construção de uma prática pautada na Arte teatral que vão desde materiais, à formação específica para atuar na área, como formação pessoal com vivências e apreciação artística. Concluímos que o uso do teatro na creche se articula às demais linguagens artísticas, desse modo, as diversas linguagens são abordadas com as crianças em sala, no entanto, de acordo com o pensamento das professoras, há necessidade de formação específica. Observamos inclusive que as professoras, mesmo de forma incipiente, fundamentam sua prática pedagógica pautada na Arte teatral, a partir das suas experiências nos contextos de formação pessoal e pedagógico, dessa forma, ela está presente na sua prática educativa.

**Palavras-chave:** Jogo teatral. Prática Pedagógica. Educação Infantil.



## RESUMEN

Este estudio presenta la "juego teatral en la práctica docente: experiencias docentes con el arte en una guardería municipal de Fortaleza" y tiene como objetivo comprender la perspectiva de los profesores en las prácticas pedagógicas basadas en el teatro. Así fue apoyar teóricamente estudios sobre educación artística hecha por Duarte Júnior (1991), Linhares (2002), teatro en la escuela Reverbel (1997) y la legislación vigente para la Educación Preescolar, entre otros. Se trata de una investigación cualitativa y el procedimiento metodológico utilizado fue la entrevista semi-estructurada. La investigación se llevó a cabo en una institución pública, sus sujetos eran cuatro maestras efectivas de la red municipal. Los resultados revelaron que la obra de teatro en la práctica docente sucede, todos los días, articulado con otras prácticas artísticas, como la música y la danza. La obra de teatro también está vinculada al Cuentacuentos, los juegos imaginarios. El estudio encontró que a partir de la experiencia dramática que produce la expresividad, la oralidad, la confianza. Sin embargo, hay muchos desafíos en la construcción de una práctica basada en el arte teatral que van desde los materiales, la formación específica para trabajar con ella, tales como entrenamiento personal con experiencias y apreciación artística. Llegamos a la conclusión de que el uso del teatro en guardería está vinculado a otras artes, así los diferentes lenguajes se tratan con los niños en el aula, sin embargo, de acuerdo con el pensamiento de los docentes, existe la necesidad de una formación específica. Tomamos nota de que hasta las maestras, aun incipiente, hacen su práctica docente basado en el Arte teatral, de sus experiencias en los contextos de formación personal y educativo, así está siempre presente en su práctica educativa.

**Palabras clave:** Juego Teatral. La práctica docente. Educación Preescolar.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
1.1	História de vida: Arte e Educação - fases da mesma lua.....	14
<b>2</b>	<b>BALIZANDO COMPREENSÕES E DIALOGANDO COM ALGUNS AUTORES.....</b>	<b>18</b>
2.1	Docência e Arte: contribuições do teatro para as práticas pedagógi- cas na Educação Infantil.....	20
<b>3</b>	<b>ABORDAGENS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>25</b>
3.1	Os instrumentos da pesquisa.....	25
3.2	Os sujeitos pesquisados.....	25
3.3	O lócus da pesquisa.....	26
3.4	A construção dos dados da pesquisa.....	27
<b>4</b>	<b>APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>29</b>
4.1	O teatro e as fontes para subsidiar a prática pedagógica.....	34
4.2	Práticas pedagógicas teatrais dentro do brincar.....	35
4.3	Os desafios da prática pedagógica com o teatro.....	36
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>39</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>
	<b>APÊNDICE A - ENTREVISTA APLICADA ÀS PROFESSORAS.....</b>	<b>45</b>
	<b>APÊNDICE B - CARTA DE APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>46</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente monografia intitulada “O jogo teatral na prática docente: experiências pedagógicas com Arte em uma creche municipal de Fortaleza” teve como objetivo principal compreender a perspectiva das professoras sobre o fazer teatral na sua prática pedagógica. A problemática desse estudo consistiu em pesquisar sobre o jogo teatral no contexto da Educação Infantil, haja vista que as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (2009) orientam experiências com essa linguagem como elemento que deva está no seu currículo, portanto, de que modo às professoras tem pensado e o que tem feito sobre essa questão.

O interesse pela temática do teatro surgiu devido ao envolvimento da pesquisadora em grupos de teatro, desde o ensino fundamental ainda em Icapuí, cidade natal, permanecendo até a faculdade, já estando em Fortaleza. E especificamente na educação infantil, deveu-se à relação construída entre o teatro e a docência em Arte em contextos informais, e posteriormente como professora da Educação Infantil da rede pública num desafio constante de tornar efetivo essa proposição. Desse modo, a prática teatral tem se vinculado à prática docente e vice-versa. Sendo assim, a partir da tentativa de encontrar conexões entre esses fazeres artísticos e pedagógicos, em diferentes âmbitos, gerou-se reflexões, inquietações e esse estudo busca um entendimento de como a prática pedagógica pode e deve se fundamentar também num fazer artístico.

Defendemos que utilizar a linguagem teatral, dentre outras, concebendo-a como parte do processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil, embora necessite fundamentar esta atuação, é o que deve nos mobilizar como educadoras. Escolhemos para essa investigação a perspectiva da professora por acreditar que na relação com a criança é indispensável uma postura sensível que possibilitem aos educandos se expressarem por meio das suas “cem linguagens”. Portanto, como professoras, é preciso que a prática pedagógica não se desvincule da Arte como campo da experiência humana de criação, de sensibilização diante do mundo e na sua reconstrução, tornando-se fonte constante de ampliação de saberes.

Apoiamo-nos na concepção de Arte na educação defendida por Duarte Junior (1991) como um modo de repensar os processos de aprendizagens e a formação dos sujeitos, como sendo imprescindível à integração do ser, das suas dimensões racional e sensível tão dicotomizada pela sociedade vigente. Assim

como, acreditamos num fazer Arte como campo do conhecimento a ser construído a partir das experiências educacionais dos sujeitos, valorizando sobretudo a dimensão da sensibilidade e da criatividade. Nós utilizamos também de estudos sobre Arte e Educação feitos por Linhares (2007), que aponta a perspectiva da Arte como campo de conhecimento dentro e fora do contexto escolar. A outra abordagem utilizada refere-se ao teatro na escola como uma metodologia de trabalho proposto por Reverbel (1997), e o conceito de jogo dramático para se referir as experiências de crianças com a expressão dramática.

Para se ter abrangência do que está sendo proposto situamos a Arte na Educação Infantil a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN), Lei nº 9394/96, ao considerar que é com o advento desta Lei que dois fenômenos ocorrem: a Educação Infantil passa a ser considerada primeira etapa da educação básica, e a Arte se torna obrigatória na educação básica, sendo considerada campo do conhecimento. (BRASIL, 1996). Portanto, é com o advento da LDBEN que a Arte foi progressivamente ganhando status de disciplina obrigatória no currículo escolar da educação básica, diferentemente de leis anteriores que restringia o ensino das Artes ao Ensino Fundamental. Com a ampliação para a Educação Infantil, o debate sobre experiências artísticas com crianças pequenas se faz cada vez mais necessário.

Então, sendo a Educação Infantil um direito, essa etapa, sofre mudanças, dentre as quais o desenvolvimento e aprendizagem da criança tornaram-se foco do trabalho educativo e não mais favores prestados pelo Estado ou mesmo por organizações sociais aos grupos de crianças e suas famílias dentro de uma visão assistencialista, cujo atendimento às crianças pequenas era dado com intuito de apenas cuidar. As Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (DCNEI), de 2009, preconizam a concepção de criança como um sujeito integrado, de múltiplas dimensões, que aprende e se desenvolve, conforme a teoria interacionista, em interação com seu meio, na exploração e contato com o contexto cultural em que vive. A criança também aprende nessa relação de significação do mundo mediada pelos símbolos, nesse sentido, a Arte cumpre uma função importante no processo educativo pois possibilita a construção e expressão das singularidades dos sujeitos.

No tocante ao Ensino de Arte é também com o advento da LDBEN (1996) que a Arte deve ser incorporada ao currículo da educação infantil com seus contornos específicos para o trabalho educativo. Referente a esta afirmativa segue o

art. 26, § 2º: “O ensino da arte, especialmente, em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. (BRASIL, 1996).

A Educação Infantil como um direito para as crianças pequenas representou mudanças no modo de concebê-las, de entender os processos de construção do conhecimento. E é por meio dessa conquista da criança pequena e suas famílias ao direito à educação institucional que orientações de trabalho pedagógico foram propostos, dentre elas, por exemplo, a Resolução nº 05/2009 que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI), na qual, a prática pedagógica deve se alicerçar na brincadeira e interações como eixos norteadores. No art. 9º desse documento, alguns incisos se referem especificamente às linguagens artísticas, dentre elas, o teatro, também denominada de expressão dramática.

As práticas pedagógicas da Educação Infantil, orientadas pelas interações e brincadeiras, devem contemplar experiências diversas, incluindo as linguagens artísticas como fora mencionada. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Infantil (2011) objetiva-se que as práticas pedagógicas pautadas com linguagens artísticas “promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura”. (CEARÁ, 2011, p. 78).

De que modo o documento acima citado sobre o trabalho pedagógico com as Artes nos orienta no fazer docente com as crianças pequenas? Ainda segundo as Orientações Curriculares para a Educação Infantil (2011) estas experiências se dão no âmbito da apreciação e do debate sobre amostras das produções artísticas culturais, tanto apreciadas como produzidas pelo grupo de crianças. Fazendo-o, portanto, na condição de espectador e participante de enredos dramáticos e musicais. Como também, quando se refere as “experiências que favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio, por elas, de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical” (CEARÁ, 2011, p.78). Estas experiências devem ser conquistadas pelas crianças como modo de se integrarem ao meio em que vivem.

Este recorte nos servirá de pano de fundo para as reflexões sobre o tema em estudo que é: O jogo teatral na prática docente: experiências pedagógicas com

Arte em uma creche municipal de Fortaleza, na tentativa de responder aos nossos objetivos específicos: Identificar que perspectiva de teatro norteia a ação pedagógica das professoras de creche; Compreender como se estrutura a prática do teatro na Educação Infantil; Entender de que modo o teatro tem sido integrado à prática pedagógica das professoras.

Partindo desses pressupostos, apresentamos a hipótese que esta pesquisa identifique possíveis modos de articular a Arte teatral ao cotidiano da referida creche, como algo inerente e indissociável do processo educativo que deve ser efetivado no seu dia a dia.

Para consubstanciar a pesquisa, organizamos sua estrutura em cinco capítulos, distribuídos da seguinte forma: No primeiro capítulo está a introdução, na qual discorreremos sobre os fins da pesquisa, fizemos um recorte legal a partir da promulgação da LDBEN e outras legislações referentes à Educação Infantil. Há também um breve histórico da história de vida da autora dessa pesquisa, no teatro e suas implicações na definição de suas escolhas pessoais e profissionais no campo da Arte teatral e da docência na Educação Infantil, delineando, dessa forma, a justificativa sobre a escolha do tema. No segundo capítulo intitulado “Balizando compreensões e dialogando com alguns autores”, refletimos sobre as contribuições do teatro para as práticas pedagógicas na creche. O terceiro capítulo trata da abordagem metodológica adotada para esse trabalho, nele descrevemos os instrumentos, os sujeitos e o lócus da pesquisa. Na sequência, apresentamos as análises dos dados coletados durante a investigação, esse capítulo foi subdividido em quatro subcapítulos correspondentes às questões da entrevista. Em seguida, escrevemos as Considerações finais sobre os resultados obtidos. Por fim, há as referências utilizadas para fundamentar a nossa pesquisa e o anexo.

A seguir faremos um recorte histórico da vida da pesquisadora, pois se faz necessário pela relevância do tema pesquisado na história de vida e na definição da profissionalidade enquanto docente da Educação Infantil. Ele apresenta uma síntese da trajetória do envolvimento com o grupo de teatro ainda em Icapuí, e as questões da Arte no campo de atuação como docente na Educação Infantil.

### 1.1. História de vida: Arte e Educação fases da mesma lua

O teatro se fez presente desde o ensino fundamental ainda em Icapuí. À época nos engajamos em um grupo de teatro de rua chamado “D'gandalha”, este grupo se formou dentro de uma política municipal de fomento à Cultura e à Arte organizada pelo departamento de cultura, que tinha como assessores Ray Lima, Junio<sup>1</sup> Santos e José Reudson Souza, como diretor. A partir desse momento, novas experiências passaram a fazer parte do nosso cotidiano e também dos jovens icapuienses que iniciavam ensaios de leituras dramáticas, apresentações artísticas nas comunidades e encontros dos grupos para reuniões e intercâmbio. A respeito desse momento político cultural, Silva (1998) destaca que,

É importante ressaltar que o movimento cultural de Icapuí, tornou-se um dos carros chefes da administração, um dos principais indutores do processo de transformação política do município. [...] a cultura, por isso mesmo, tem cada vez mais sua importância reconhecida nos governos democráticos e populares, como elemento fundamental na construção da cidadania do povo. (SILVA, 1988, p. 189).

Um dos espetáculos marcantes da nossa atuação como artista fora durante a semana cultural alusiva à comemoração dos 10 anos de emancipação política de Icapuí, antes distrito de Aracati, que juntos a outros artistas locais e regionais encenamos o espetáculo: “Icapuí Por Todos Sim!” texto de Ray Lima, Agostinho Netto e Junio Santos, direção de Júnio Santos. Esse tema alusivo à emancipação da cidade fora apresentado com um grande cortejo pelas ruas da cidade, envolvendo a população através da Arte teatral na celebração da conquista cidadã.

A partir desse período, a escola passou a nos reconhecer como artistas de fato, tirando-nos do anonimato em que vivíamos, enquanto estudantes e postulantes a artistas, como também nos fazia exercer uma cidadania que só se ouvia nos discursos. Ressaltamos que nessa época, Icapuí teve reconhecimento internacional, devido aos destaques nas políticas públicas para a educação e saúde.

Desse modo, consideramos que o teatro foi um divisor de águas definindo momentos distintos na nossa formação e definição de perspectivas de vida, ou seja, marcava uma nova história. À medida que as interações com pessoas da gestão

---

1 Grafa-se “Junio” por ser seu “nome artístico”. Ele é ator, diretor de teatro e agitador cultural, co-fundador do movimento Escambo.

municipal, de outros grupos artísticos foram se ampliando, as experiências estéticas de apreciar poesias, dramaturgias, de encenar novos textos foram alargando nossos padrões, valores e a compreensão da história que vivíamos em Icapuí, pois como afirma Duarte Júnior (1991, p. 70): “[...] conhecendo a arte de meu tempo e cultura, adquirei fundamentos que me permitem uma concomitante compreensão do sentido da vida que é vivida aqui e agora”.

No entanto, as ideias sobre Arte que povoavam nosso imaginário diziam respeito à “danação”, “teimosia”, pois era comum ouvir as mães se expressarem assim quando queriam reclamar dos filhos: “já tá fazendo arte menino”? Essa concepção de arte como “traquinagem” prevalecia na cultura local. Somente a partir da inserção no teatro, a compreensão sobre Arte passa a se vincular a ideia de manifestação expressiva comprometida com a vida social e cultural. Com isso os familiares passam a enxergar possibilidades e ampliam suas expectativas com relação ao nosso fazer teatral.

Outra questão que se apresenta é que a escola passa a ser vista como um polo de difusão cultural da Arte, senso assim, projetos de circulação de espetáculos, oficinas passam a ser efetivados no âmbito institucional. Então, passamos a problematizar e desejar essa experiência no âmbito escolar, através de realização de espetáculos nas escolas, projetos de Arte, oficinas, uma vez que, a Arte revoluciona o modo de ser em diferentes contextos, pois aprendemos de modo integrado e lúdico. Percebíamos que destas ações com o teatro, a Arte nos transformava, nos mobilizava e a experiência artístico-cultural foi definindo as escolhas pessoais e profissionais.

O envolvimento com o teatro de rua, linguagem que traz como referência Augusto Boal, um grande diretor, dramaturgo e ensaísta brasileiro, representante do teatro contemporâneo internacional. Fundador do Teatro do oprimido que alia o teatro à ação social. Este dramaturgo transformou a forma dos espaços cênicos por onde atua, e fala daquilo que é vivido pela comunidade, que possibilita o acesso fácil e direto, desse modo, democratizando a Arte, nos faz enxergar com suas intervenções que educar com a Arte é o modo mais envolvente, politizado e sensível que se pode propor às pessoas. E como diz o poeta Ray Lima (2005, p. 35),

O teatro livre de rua/não tem porta nem poltrona/ nem aparatos, nem salto alto/Liberto dos catedráticos, de ato em ato/vai superando a cortina, o pano de boca/a bambolina; a rotunda, o bastidor/o bordereau – sugados pela boca



funda do ator/pela grandeza igual/de ficar frente a frente/ombro a ombro, lado a lado/do outro trabalhador que vê.

No entanto, essas experiências se davam num contexto fora da escola, no movimento de cultura popular, chamado: Escambo - Movimento de Teatro Livre de Rua<sup>2</sup>. Então, o que dizer dessas experiências se realizadas dentro do contexto educativo?

Através da Arte nos vimos educadora, e por meio da educação, muitas possibilidades de desenvolver práticas educativas ligadas às Artes, considerando que são campos do conhecimento que se integram, e devem servir ao propósito da plenitude do homem. Logo, identificamos que as escolhas pelo curso de nível superior em pedagogia e em seguida pela carreira da docência foram se apresentando como possibilidades reais, e passaram a ocupar o lugar que antes era apenas dos sonhos e desejos da estudante postulante a artista.

O interesse em estudar teatro e linguagens afins, assim como construir uma carreira profissional nos trouxe para Fortaleza, lugar onde tínhamos pessoas amigas e que mantinham contato direto com Icapuí nas relações de assessoria e de afinidade com o projeto que ali se desenhava. Por meio destes apoios, dos familiares e de amigos nos fora possível trilhar o caminho da Arte na cidade. Atribuo esse encorajamento também à inspiração dos artistas Ray Lima e Junio Santos que eram educadores que revolucionavam o modo de educar através da Arte, como também aos familiares que viam nessa mudança melhorias de vida.

Já em Fortaleza, sendo estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e residente universitária, declaramos para a revista Universidade Pública que “a minha prática teatral não se desvincula da minha prática docente” e com essa premissa nos construímos estudante e posteriormente professora da rede municipal de Fortaleza no ano de 2009. Na faculdade ansiávamos por estudar Arte, entender a Arte e seus fundamentos para que pudéssemos ser porta-vozes desse lugar de artista, pois sentíamos a ausência desta elaboração de cunho teórico. Nas disciplinas de arte-educação tivemos a

---

2 O Movimento Escambo de Teatro Livre de Rua é um movimento de irradiação cultural que reúne, atualmente, além de grupos de teatro de rua, poetas, e artistas populares dos Estados do Rio Grande do Norte, Ceará, Pernambuco, Açailândia no Maranhão, Uruará no Pará, Samambaia no Distrito Federal, Campinas em São Paulo, Rio de Janeiro, Canoas no Rio Grande do Sul e Rosário na Argentina, com o intuito de socializar suas experiências artísticas, culturais, políticas e comunitárias. Disponível em: <<http://escamboderua.blogspot.com.br/2011/10/entrevista-de-junio-santos-para-o.html>>. Acesso em: 06 jun. 2015.

possibilidade desse diálogo com a Arte no exercício artístico e reflexivo. Percebíamos que o estudante na relação com o conhecimento anulava em parte a sua corporeidade, para focar no aspecto cognitivo, portanto da racionalidade.

Nesse âmbito, Duarte Junior (1991, p. 69) afirma que se “permitir (através da arte) uma maior vivência dos sentimentos é, desta forma, abranger o processo da aprendizagem como um todo, e não apenas em sua dimensão “simbólica, verbosa, palavresca”, como insiste em fazer a escola tradicional”. Era um pouco disso que buscávamos viver também na faculdade, nas disciplinas de Arte. No entanto, eram disciplinas de curta duração, de caráter opcional. Segue-se então, a preocupação de pensar esse fazer artístico no âmbito da educação básica, especificamente na Educação Infantil, agora como docente.

Atribuo que é também mobilizador de interesses pesquisar sobre as práticas pedagógicas que se pautam pela linguagem teatral, uma vez que percebemos a contradição que há entre a falta de valorização do teatro na escola infantil e as resistentes experiências que acontecem no cotidiano das creches à revelia de um contexto que ainda permanecem concepções tradicionais de ensino-aprendizagem. Quando se trata da ação pedagógica dirigida para crianças aumenta ainda mais essa preocupação de que o aprendizado contemple dimensões da sensibilidade, da expressividade e afirmação de si. Enquanto docente e com experiências alicerçadas num fazer artístico, propriamente teatral, vemos que a atuação pedagógica não pode prescindir dessa prática, dessa formação e é na resistência e construção do novo que a Arte se irmana conosco.

Para continuar esta discussão ora levantada, nos embasamos em alguns conceitos de autores já citados e reflexões provenientes da prática pedagógica para fundamentar o tema proposto para este trabalho. Neste capítulo, discutiremos concepções acerca da Arte na educação e também sobre o teatro na escola, especificamente o conceito de jogo dramático no trabalho educativo com crianças.

## **2 BALIZANDO COMPREENSÕES E DIALOGANDO COM ALGUNS AUTORES**

A Arte na educação é um tema bastante discutido e constantemente revisitado por diversos autores na tentativa de problematizar o lugar da Arte como campo do conhecimento, portanto, indispensável ao desenvolvimento humano em todas as fases. Insistimos em debater sobre a Arte na educação dentro do contexto escolar, embora saibamos que percepções acerca do lugar da Arte na escola apontadas por Linhares (2003) nos confirmem que o lugar da Arte está fora da escola, “está no quintal,” “na rua”. Reiterar esse debate torna ainda mais forte o compromisso por estarmos implicados no processo educativo como docente. Logo, devemos estar dispostos a reconstruir esse lugar da Arte no contexto educativo e também estarmos atentos aos outros lugares onde poderá estar essa Arte para compor o processo educacional. Então, compreender como se dá o lugar da Arte teatral nas práticas pedagógicas, sob o ponto de vista de quem propõe algo, de quem deve mediar essas práticas, no caso as professoras, é a nossa problemática para essa investigação.

Discutir as experiências dramáticas na creche se inscreve no contexto de reintegrar o ser fragmentado pela sociedade e que reflete na formação dos educandos. De acordo com Duarte Júnior (1991) as concepções sobre Arte e educação se contextualizam num cenário econômico e político em que a supremacia da razão impera sobre a sensibilidade, e que o neoliberalismo impõe a cultura do consumismo, do utilitário. Isso explicaria em parte porque a Arte tem sido pouco valorizada no contexto escolar. Ainda conforme o autor, nossa sociedade fragmentou o homem, dicotomizando o sentir e o pensar. Assim com a supervalorização da razão ocasiona lacunas na formação dos sujeitos, no uso de outras dimensões básicas, como os valores e as emoções. Ele aponta mudança de paradigmas através da arte-educação. O autor coloca a questão da educação como construtora de sentidos, canais de expressão pelo viés da Arte. Nisso ele discorre sobre os fundamentos da Arte-educação, considerando a Arte como: “[...] a concretização dos sentimentos em formas expressivas [...]”. (DUARTE JUNIOR, 1991, p. 65).

Concordando com esta afirmativa Anjos (2012), revela que a Arte no contexto escolar encontra sérias resistências e dentre as que são elencadas, destaca-se as concepções que permeiam o fazer artístico na educação que

restringem-se há tempos e espaços definidos pelo calendário das datas cívicas, tornando esses conteúdos alheios às reais necessidades e interesses das crianças. Ainda relativo à Arte na Educação Infantil, as diferentes linguagens artísticas tem abordagens diferenciadas, enquanto que as artes visuais ainda que reproduzam modelos prontos, são privilegiadas no contexto escolar, outras formas de se fazer Arte, por exemplo, o teatro, é menos valorizado.

Em se tratando do teatro na Educação Infantil, que é o nosso foco, Reverbel (1997) defende que a expressão dramática adequada para o trabalho com criança é o jogo dramático, pois este possibilita a experiência de se expressar pelo faz de conta, pelo lúdico, segundo a autora,

Os jogos dramáticos dão à criança um meio de exteriorizar seus sentimentos profundos e suas observações pessoais, pelo exercício do movimento e da voz. Seu objetivo é orientar e ampliar os desejos e as possibilidades de expressão da criança. (REVERBEL, 1997, p. 108).

Nesse sentido, fazer teatro com crianças no contexto da creche pressupõe de acordo com as Diretrizes (2009) eixos de trabalho que são: o uso de brincadeiras e interações como norteadores das aprendizagens. Isso requer também do professor pensar no educando e em práticas de construção de novas formas de ser e estar no mundo, de modo indissociável do seu contexto histórico e cultural.

Com relação ao fazer artístico pela criança, Duarte Júnior (1988) afirma que a criança vive a Arte como experiência, como forma de organização de suas experiências e tem sentido de jogo, ou seja características lúdicas.

[...] a atividade artística da criança apresenta o sentido de *organização de suas experiências*. Desenhando, pintando, esculpindo, jogando papéis dramáticos, etc., a criança seleciona os aspectos de suas experiências que ela vê como importantes, articulando-os e integrando-os num todo *significativo*. (DUARTE JUNIOR, 1988, p. 112, grifo do autor).

O autor supracitado coloca que ao produzir Arte as crianças ainda não 'educadas' pela sociedade que cinde os processos do sentir e pensar tem a possibilidade de fundirem “os processos de pensamento, os processos emocionais e perceptuais, construindo uma “síntese que confere ao trabalho este caráter de integração”. (DUARTE JUNIOR, 1988, p. 112).

Referente a esse campo de atuação pedagógica, pautado num fazer teatral, há uma dimensão do docente que Brasil (2012) denomina de “brincalhona”,

ou seja, a professora precisa exercitar sua dimensão brincalhona para possibilitar oportunidades de brincadeiras e repertórios para o grupo de crianças. Considero análogo a este conceito a afirmação de Borges *apud* Reverbel (1997) de que “o jogo dramático acontece quando o educador joga o jogo”. Entendemos que o nosso papel deve ser de parceria com as crianças nas suas construções imaginativas e suas interações com os outros. Devemos observar o modo de se comunicar, estar próximo e interessado em suas manifestações. Portanto, há muitas possibilidades de se efetivar o jogo dramático, no uso da dimensão brincalhona e na vivência das crianças com o jogo de faz de conta e da imitação.

A criança se expressa no mundo como protagonista de suas ações, na interação com o outro, na exploração do mundo ao seu redor, na construção de suas hipóteses sobre o que percebe em sua volta e o papel do adulto deve ser de mediação. O teatro reúne fantasia e realidade, como é no jogo do faz de conta, e possibilita o sujeito ser quem ele é, sendo outro ou outros. É como revela uma criança do Infantil III diante da possibilidade de atuar: “eu quero ser o Homem-Aranha”. Dramatizar esse enredo possibilita dialogar com o universo das crianças, suas realidades, suas imaginações, seus pensamentos, suas posições numa experiência do jogo dramático que, segundo Jenger *apud* Reverbel (1997, p.110) ocorrem no coletivo de crianças “no qual cada criança é orientada para se expressar, juntamente com as outras, sentindo o prazer de criar um drama improvisado” essa proposição converge com a ideia que sustentamos nesse trabalho a respeito de aprendizagem, como uma experiência coletiva, cooperativa defendida também por Barbosa; Horn, 2008.

Elencamos, assim, as especificidades do trabalho com a linguagem dramática na creche e que devem orientar os fundamentos das práticas pedagógicas nas instituições de Educação Infantil. A seguir, discutiremos a relação entre docência e Arte na educação infantil, pontuando aspectos da ação pedagógica.

## **2.1 Docência e Arte: contribuições do teatro para as práticas pedagógicas na Educação Infantil**

Este subitem refere-se às práticas pedagógicas pautadas no fazer teatral com crianças pequenas. Aqui esboçamos a ideia e a importância que defendemos da presença da Arte teatral na creche, apoiados nas Diretrizes Curriculares para a

Educação Infantil (2009), estudos e relatos de experiências sobre o assunto em questão.

Estudos apontam que ainda são escassas as experiências com Arte no cotidiano da instituição de Educação Infantil. Como já vimos quando a Arte acontece ainda se reveste de uma concepção na qual é importante a produção final ou ainda que as crianças devam seguir o modelo, normas dos adultos. É por esse contexto que se faz necessária levantar questionamentos e apontar caminhos possíveis ainda que tortuosos para uma Arte comprometida com a criatividade e ludicidade.

A Arte no contexto escolar deve ser vista e trabalhada de modo a promover à expressividade, a criatividade, a apropriação de bens culturais que dispõe a humanidade, no entanto, mesmo dispondo das legislações atuais que apoiem as diretrizes de trabalho ainda temos muitos desafios para efetividade na Educação Infantil.

A escola se inicia muito cedo para algumas crianças, e o que fazer se essas primeiras experiências escolares não forem encantadoras para elas e para a família? As famílias percebem quando suas crianças desejam voltar para creche, sabem o que lhe motivam. Disso depende a qualidade dos processos educativos, ou seja, de experiências na educação infantil que as crianças vivam sua infância intensamente, atendendo necessidades e desejos específicos, considerando que a infância, é um período de vida considerada pelos atuais estudos como uma categoria geracional, com demandas próprias e de intenso desenvolvimento e único na vida da pessoa.

O teatro pode contribuir para o desenvolvimento integral dos sujeitos, promovendo a expressividade, pois sendo esta linguagem a expressão de si na relação com outro e com o mundo, utilizando-se, primordialmente, do corpo como instrumento principal, atribui-se importância para o desenvolvimento integral, numa perspectiva que Duarte Júnior (1991) coloca que é através da Arte que podemos educar os sentidos, os sentimentos. Esse fazer pedagógico é um desafio que se apresenta para a Educação Infantil, especificamente para as práticas docentes.

Outra dimensão pertinente ao jogo dramático é o uso do corpo para ações gestuais, rítmicas, e os deslocamentos. As crianças também se comunicam pelo movimento, sendo este aspecto considerado pela perspectiva sociointeracionista fundamental para o desenvolvimento, uma vez que, pensamento e movimento se inter-relacionam. Isso contraria a concepção de um aprendizado que se dá imóvel,

quieto imobilizado pela valorização excessiva dos aspectos cognitivos. Uma das características própria da linguagem teatral é a dimensão da ludicidade, da fantasia e isso deve fundamentar a ação pedagógica com crianças. Afirmamos que o teatro é uma linguagem da representação, que é lúdica, brincando de fazer teatro as crianças se investem de um repertório variado de possibilidades de expressão.

De acordo com Duarte Júnior (1988, p.113), três fatores envolvidos na atividade artística infantil são considerados importantes, diz ele: “a organização de suas experiências, a autocompreensão e o relacionamento com outros por meio de seu trabalho” para o autor esse tripé são fundamentais para a implementação de programas de educação através da Arte.

Por meio da linguagem teatral, iniciamos os primeiros ensaios como docente de crianças da rede municipal. Comunicar-nos inteiramente com a linguagem teatral no cotidiano do trabalho pedagógico da creche encontrava alguns desafios; um deles é que parecia ir à contramão do que era hegemônico na creche, ou seja, o modelo de atuação junto às crianças exigia controle sobre as crianças dos seus movimentos, mas que expansão desse corpo. A iniciação em práticas que estimulam a expressividade das crianças se fundamentam na construção de repertórios imagéticos, sinestésicos, estéticos e em parcerias feitas com as crianças e os profissionais da educação.

Quanto à experiência como arte-educadora em comunidades da periferia de Fortaleza, pois assim era chamado quem trabalhava com Arte em projetos sociais, percebia o quanto a Arte teatral atraía o interesse das crianças em participar dos projetos. As percepções que eu obtive do êxito das atividades eram o desejo manifestado pelas crianças em permanecer no grupo.

Para Barbieri (2012, p. 41): “o lugar do educador tem aspectos similares ao lugar do artista, porque ele lida com a possibilidade de criar novos sentidos, tanto em relação aos conteúdos curriculares quanto em relação à informação e à percepção de seu próprio grupo [...]”. No entanto, a ausência de sistematização do trabalho, de acompanhamento pedagógico fazia com que não avaliássemos os processos de construção de saberes dos grupos a contento.

Atualmente, como professora de crianças, essa questão da Arte nessa etapa nos mobiliza, pois as experiências artísticas contribuem para o processo de construção de conhecimento e viabiliza o projeto de educação comprometido com a ludicidade, a subjetividade dos sujeitos envolvidos como reza as DCNEI (2009).

Como fruto das experiências com o teatro na Educação Infantil, registramos o modo como as crianças organizavam suas expressões; “hoje tem fantasia?”. Esta pergunta gerava estratégias de efetivação da prática teatral. Por meio da fantasia de super-heróis, personagens dos contos de fada, as crianças tinham elementos para criação dos seus papéis, estruturação do jogo de faz de conta. Era o modo de expressão que nos encantava, que gerava fascínio e mantinha o grupo atento, curioso. Alguns dilemas do exercício pedagógico sobre o que oferecer para as crianças que não fossem papel e lápis para suas expressões achava no baú da fantasia um instrumento metodológico eficiente. Nas observações feitas de interações entre eles registramos que uma das crianças vestida de Homem-Aranha explicava para o outro colega como ele deveria fazer para ser também o super-herói, ele dizia “o Homem-Aranha faz assim, não faz assim. Ele joga a linha para cima”. O recurso da oralidade guiava a vivência de criação e recriação, potencializando as expressões das crianças.

Outro recurso que possibilitava a expressão através do jogo dramático era os fantoches. Diante de um fantoche, uma criança de 4 (quatro) anos afirmava não saber o que fazer com o objeto. Enquanto que os outros colegas já colocavam a mão e iniciavam seus diálogos, esta criança não sabia o que fazer. Esse era um desafio da prática pedagógica pautada no fazer artístico que se apresentava para este grupo. Nesse sentido, faz-se necessário educar através da Arte para construção e ampliação das próprias narrativas, em que a criança seja iniciada nesta expressão, e revele por meio desta linguagem seu potencial criativo, imaginativo, suas percepções do mundo. Portanto, a função da Arte na educação é fundamental para pensar os sujeitos dotados de subjetividades sem retirar-lhe o que Duarte (1991, p. 34) afirma ser “a possibilidade de que as pessoas elaborem a sua visão de mundo com base na realidade que vivem”.

Pensamos que utilizar a linguagem teatral, dentre outras, para a livre expressão, concebendo-a como parte do processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil, embora necessite fundamentar esta atuação, é o que deve nos mobilizar como educadores. Escolhemos esta etapa da educação por acreditar que na relação com a criança é indispensável um(a) professor(a) sensível, conhecedor de práticas que possibilitem aos educandos se expressarem por meio das suas “cem linguagens”. Portanto, como professores que somos, é preciso que a prática pedagógica não se desvincule da Arte como campo da experiência humana, de



criação, de sensibilização diante do mundo.

A seguir, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados no trabalho monográfico; os instrumentos, os sujeitos envolvidos e o lócus da pesquisa.

### **3 ABORDAGENS, PROCEDIMENTOS E PROCESSO METODOLÓGICOS**

A escolha pela abordagem qualitativa se justifica pela compreensão que temos do processo investigativo como algo que deve capturar subjetividades, diferentes pontos de vista acerca do tema estudado, revelando nuances daquilo que é vivido e sentido pelos sujeitos da pesquisa, pois como afirma Minayo (1994, p. 12): "A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares [...] ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes". Sendo assim, a abordagem intenta contextualizar os sujeitos nas suas afirmativas, dúvidas, percepções acerca do tema em estudo.

A seguir expomos qual foi o instrumento utilizado para construção dos dados, quem são os sujeitos e lócus da pesquisa e encerramos esse capítulo com a apresentação dos dados e discussão dos mesmos.

#### **3.1 Os instrumentos da pesquisa**

Os procedimentos utilizados na pesquisa para a construção de dados foi a entrevista semiestruturada, que a nosso ver atende a uma necessidade de escuta do outro, de uso da palavra e do discurso de modo mais fluente. Os instrumentos de coleta foram o gravador de áudio. Após a escuta recorrente das gravações, fizemos as transcrições das falas das professoras, conferindo cada trecho gravado quando surgiam dúvidas. Em seguida, separamos cada relato feito por cada professora. Por fim, houve a leitura de cada depoimento e a identificação de categorias de pensamentos sobre as questões norteadoras da entrevista (Apêndice A).

A gravação das entrevistas foi autorizada previamente pelo grupo de educadoras, sendo dispensados a assinatura do termo de autorização diante da garantia do anonimato da instituição e seus profissionais. Para preservar a identidade das professoras pesquisadas, escolhemos codinomes para cada professora, são eles: Noêmia, Lúcia, Maria Clara e Graça.

#### **3.2 Os sujeitos pesquisados**

Inicialmente, a ideia era ouvir os diferentes profissionais que trabalham na creche sobre as representações que fazem do teatro na instituição, mas isso não

nos foi possível pela abrangência da pesquisa e o fato de ter que conciliar tempo para o trabalho de professora e de pesquisadora. Aos poucos fomos delimitando os sujeitos da pesquisa a um grupo de quatro professoras efetivas da rede municipal de Fortaleza todas lotadas numa creche da Regional IV. O critério para a escolha deste grupo se deu em função da observância do trabalho com Arte que desenvolviam no contexto de trabalho e que repercutia no espaço do curso de docência na Educação Infantil, do qual três professoras pesquisadas também participam, além da divulgação dos seus trabalhos nas redes sociais. O interesse nesse grupo se deu também por querer investigar práticas pedagógicas que investissem nesse tipo de experiência.

O grupo de professoras tem formação em Pedagogia com especialização, em: Metodologia do ensino das Artes, Educação Biocêntrica, Psicopedagogia e Coordenação pedagógica, respectivamente, três delas estão na segunda especialização em docência na Educação Infantil, promovido pelo Ministério da Educação (MEC) e Faculdade de Educação (Faced). No grupo temos: três professoras regentes A (PRA), nomenclatura adotada pela Secretaria de Educação de Fortaleza, duas professoras do Infantil II, uma professora do Infantil III e uma professora regente B (PRB), que trabalha com todos os agrupamentos de crianças (Infantil I, II e III<sup>3</sup>). Na diretriz de trabalho para a professora regente B é orientado práticas pedagógicas que deem ênfase as Artes e sustentabilidade ambiental. Esse aspecto do trabalho da PRB nos chamou atenção, contudo decidimos pelas perspectivas da equipe por acreditarmos que todo trabalho educacional se dá no contexto coletivo.

### **3.3 O lócus da pesquisa**

Definimos como lócus da pesquisa a creche, aqui denominada “Floresta Encantada”, que integra a rede pública municipal de Fortaleza e está situada geograficamente na Secretaria Executiva Regional IV (SER IV). A cidade de Fortaleza está subdividida em macrorregiões administrativas. Esta creche está vinculada à escola patrimonial, no que diz respeito ao território e a gestão administrativa, ela também integra a rede pública de Fortaleza.

---

3 Nomenclatura dada aos grupos de crianças de acordo com corte etário: I a partir de um ano; II de dois anos e III, de três anos de idade.

A área da creche “Floresta encantada” se assemelha a um galpão, modelo adotado para construções de creche em várias outras regionais da cidade. Este se compõe de quatro salas de aula, com área aproximada de 12 m<sup>2</sup>, um pátio, (onde circulam as crianças durante atividades pedagógicas e quando se dirigem para as salas) a sala da coordenação, a cozinha, um banheiro coletivo para crianças, dois banheiros para funcionários. Há também no entorno das creches uma área reservada com um parque infantil. O parque compõe-se de: balanços e um escorregador, árvores, uma de grande (castanholeira) e uma de médio porte.

Apresentaremos como se deu o contato com a instituição e como foram desenvolvidas as atividades de coleta de dados.

### **3.4 A construção dos dados da pesquisa**

A coordenadora pedagógica e as professoras foram contatadas previamente, assim como a coordenadora pedagógica e se mostrou disponível em participar da pesquisa, embora todas estivessem muito envolvidas em atividades do trabalho docente. Ao chegar no local da realização das entrevistas, as três professoras conhecidas por nós estavam presentes, como o combinado, com exceção de uma professora que encontrava-se de licença, esta concedeu a entrevista em sua residência. Duas das professoras estavam em seus horários de planejamento realizavam atividades de finalização do ano letivo, uma delas organizava a sala, retirando painéis e portfólios das crianças, enquanto a outra estava fazendo entrega de relatórios aos pais. Então, esta última, atendia alguns pais e no intervalo realizávamos as entrevistas. Já a terceira professora se encontrava em trabalho com seu grupo de crianças e com apoio da auxiliar teve disponibilidade para participar da entrevista. As entrevistas se deram num clima de muita disponibilidade em contribuir com o objeto pesquisado, no entanto, a creche estava funcionando normalmente. Por exemplo, numa sala as crianças tocavam com a banda rítmica, instrumentos musicais. Na outra sala as crianças assistiam DVD com volume médio e um terceiro grupo chegou por um tempo a ouvir e dançar canções infantis. Duas entrevistadas se reservaram na sala da coordenação para garantir a gravação sem muita interferência sonora. Já a terceira optou por conciliar os sons com nossa conversa. No caso da quarta professora, fomos até a sua residência num momento posterior para realização da entrevista.

Os dados da pesquisa foram construídos através de entrevistas semiestruturada com o público de quatro professoras da Creche “Floresta Encantada” sobre o tema: o jogo teatral na prática docente: experiências pedagógicas com Arte na creche e se guiou por um roteiro de perguntas que problematiza algumas questões da prática docente suscitando a fala das professoras, são elas: Como você percebe a Arte do teatro na sua prática pedagógica? O que você pensa sobre o teatro na creche? Quais são os desafios da prática pedagógica pautada no jogo teatral? O que levou você a utilizar a linguagem teatral, por quê?

A seguir destacamos os achados da pesquisa a partir da identificação de categorias referentes às perspectivas das professoras. Para compreensão dos dados obtidos iremos sequenciar as categorias encontradas referentes às questões geradoras feitas nas entrevistas.

#### 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Aspectos gerais sobre a Arte na creche foram apontados pelas professoras, primeiramente quando se referem à Arte em suas diversas modalidades, ou seja, as Artes plásticas, musicais, artes dramáticas. Inclusive quando perguntadas sobre o fazer teatral na prática pedagógica, a professora Lúcia afirmou que “a Arte, ela é intrínseca nas atividades, porque a todo o momento a gente está utilizando essa linguagem” e justifica dizendo que “todas as outras linguagens da Arte no teatro ele é vivo”, referindo-se ao uso das linguagens da música, da dança, das Artes plásticas possibilitadas no fazer teatral. Quando se questionou, especificamente, sobre a linguagem do teatro, notamos que ele aparece no discurso dos sujeitos de modo articulado a outras linguagens artísticas e também na literatura infantil, contextualizado num projeto didático. Logo, percebemos que a docente ao falar do trabalho pedagógico com teatro articula essa prática as demais linguagens artísticas, incluindo a literatura infantil.

A professora Noêmia trouxe a preocupação de desconstruir a ideia de que a criança pequena não faz Arte, quando expõe que: “a gente tanto ver as pessoas subestimarem as crianças, não é? Acharem que criança muito pequena não vai conseguir, não tem essa capacidade de representar”. Sua postura coaduna com o que o que os autores estudados têm apresentado, estes dizem que a criança vive a Arte como experiência de organização de seus processos perceptivos, sensitivos. Duarte Junior (1988), assim como, para Reverbel (1997, p. 21): “[...] a arte é principalmente um meio de expressão. A criança é um ser extremamente dinâmico: à medida que se desenvolve e modifica sua forma de encarar o mundo, sua expressão também se modifica”. Então, aquela ideia de Arte como sinônimo de “danação”, “teimosia” dito no senso comum parece não ter eco na ideia de Arte da professora.

A partir da questão que se refere ao modo como percebem e pensam as professoras sobre o teatro na creche, destacamos a perspectiva da professora Lúcia, quando verbalizou que “o teatro é um foco muito importante, uma metodologia fundamental” e acrescentando que o teatro que desenvolvem “é num sentido de dar condições, dar instrumentos, os adereços para ela poder se expressar... a fantasia, o baú da fantasia”. Percebe-se, através da fala, um fazer artístico que é presente no cotidiano da creche “Floresta Encantada”, onde o teatro se dá por meio da disponibilização dos materiais. Diante do que afirma a professora seu modo de

conceber o fazer teatral encontra na afirmativa da Reverbel (1997), a preocupação de que é indispensável o envolvimento da professora, pois disso depende o modo como o educando se relacionará com tal proposta, sendo assim afirma a autora supracitada,

Para despertar o entusiasmo do aluno, não basta que o professor o ponha em contato com fatos e situações variadas; é preciso que ele próprio tenha entusiasmo, para que o aluno perceba que suas observações não são apenas uma tarefa escolar, mas um caminho livre que lhe permite posicionar-se criticamente em seu meio. (REVERBEL, 1997, p. 41).

Para ampliar a ideia aqui mencionada sobre teatro como metodologia, encontramos referências na proposição apresentada por Reverbel (1997) de sua abordagem metodológica para o jogo dramático. A metodologia consiste em atividades globais de expressão, estruturadas em quatro etapas: estímulo, sensibilização, objetivo e roteiro. Ela define o conceito de estímulo como situações ou vivências que provoquem o interesse, a curiosidade do grupo; A sensibilização deve-se a tomada de consciência sobre a questão suscitada, participação no debate do tema em foco; o objetivo trata-se do foco definido pelo professor ou pelo grupo; e por fim o roteiro, que são ações, sequências dos eventos, da narrativa escolhida. A autora considera integrante da proposta descrita o planejamento dos elementos de cena; vestimentas, acessórios, cenários.

Diante desta concepção, de teatro como uma metodologia do trabalho, que aspectos são destacados pelo grupo de professoras ou mesmo que formas de se trabalhar são reveladas na pesquisa? De acordo com o que nos informou a professora Noêmia, o teatro acontece assim:

Elas pegam o livro, elas me imitam, elas sentam na cadeira, cruzam as pernas, aí vai lendo o livro para crianças... às vezes têm os fantoches. Então, elas pegam os fantoches vão representando. Então, têm algumas falas que são bem típicas das histórias que elas já internalizaram e já contam com os fantoches.

Para as professoras Noêmia e Lúcia o teatro na creche acontece através da Contação de história, e também do reconto, que é a prática de solicitar que as crianças, após terem participado da roda de leitura, recontem o enredo escutado com as suas próprias narrativas. Para elas, este é um modo de se efetivar a prática teatral, ou seja, vinculá-la à experiência de contar histórias. Sendo assim, identifica-se estratégias para esse fazer que segundo as professoras, acontece vinculado ao jogo de faz de conta, dentro da brincadeira, na prática de contação e reconto de

história, no jogo de imitação, no uso de baú da fantasia. No seu relato a seguir, a professora Maria Clara descreveu como se dá esse fazer artístico a partir da Contação de história.

Eu faço muito com as crianças aqui a Contação de história e dentro da contação a gente tem a rotina de pedir para que as crianças recontem, mas algumas vezes a gente solicita que a criança reproduza, ou seja, teatralize, dramatize as cenas da história, ou seja, mais uma vez o teatro está entrando aí.

Para Almeida (2014. p. 177) este recurso de contar e recontar histórias é utilizado “como ferramenta para trabalhar o desenvolvimento da oralidade, como texto para o teatro, entre outras expressões artísticas, ou seja, o texto literário infantil é um dos objetos culturais mais democráticos”. Concluímos que a linguagem do teatro é utilizada como suporte para o reconto da história, para observância de como as crianças apreendem os sentidos das histórias. No depoimento seguinte, a questão que se apresenta traz o viés do faz de conta, dentro da brincadeira, a professora Graça comenta:

A questão do teatro dentro da minha prática, ela surge muito dos interesses das crianças no faz de conta. Eu trabalho geralmente relacionado ao faz de conta, mas a questão do teatro está totalmente dentro da brincadeira e do imaginário das crianças.

A Arte no contexto escolar teve seu momento em que a livre expressão, na qual a criança entra contato com os materiais e vai construindo seu repertório artístico de maneira livre e sem mediação, apontou para um caminho equivocados, ou seja, o adulto ficou ausente do processo. Diferente do que propôs o movimento de Arte-educação em que a mediação pedagógica, a intencionalidade pedagógica possibilitava ao fazer artístico um campo do conhecimento, como está contemplado nas atuais legislações sobre a Arte no contexto escolar.

Portanto, a iniciação em Arte, segundo Reverbel (1997) desde cedo, deve ser feita com a observação da natureza que está no entorno das crianças. Ela sugere que a vivência propiciada em visitas a museus, exposições, espetáculos de teatro, cinema, de dança, de música, e das demais expressões artísticas sejam indispensáveis à formação do senso estético. Mas isto tem se viabilizado no cotidiano da creche? Diante dessa prerrogativa, cabe-nos questionar se a Secretaria de Educação (SME) vive uma política de intersetorialidade com outros setores da gestão pública que atenda essa demanda?



Outro aspecto referente à prática com teatro se dá por meio da Contação de história, segundo a professora Graça, o trabalho com o teatro e as demais Artes se dá num contexto em que “de acordo com o projeto que está sendo trabalhado, a gente vai escolhendo as histórias [...] e a cada história existe uma dramatização ou não, dependendo da história”. Além das histórias dramatizadas pelas crianças, temos o relato da professora Maria Clara, nos descrevendo como se deu a experiência das professoras fazendo teatro com e para as crianças baseado num tema que emergiu no grupo de crianças. Vejamos a seguir o seu relato:

Eu lembro que a gente teve a pouco tempo, a gente tava trabalhando projeto sobre brinquedos e brincadeiras e dentro desse projeto surgiu a temática da africanidade. A professora Graça mostrou uma princesa, não é do candomblé, uma princesa... Do grupo de carnaval... Maracatu. Então, ela mostrou umas figuras e a maioria dizia que era o babau, dizia que era a bruxa e uma criança branca disse o seguinte: “não, é uma princesa, parece uma princesa”. Ela ficou muito empolgada com isso e a gente por tabela também. Então, vamos fazer o teatro “menina bonita do laço de fita” e aí a gente foi fazer o teatro, a gente estuda o que cada uma vai falar, a gente também produz toda a cenografia (risos). a gente faz teatro pras crianças como um modo também delas chegarem mais perto de assuntos assim um pouco complexo, como é a questão do negro, do preconceito. O teatro ele possibilita isso também a gente chegar mais perto de assuntos complexos. A gente também se ajuda no teatro porque a gente começa a perder essa questão da inibição que é uma coisa que eu tenho aprendido aqui.

A partir do relato, observamos a tentativa de concretizar aprendizados, aproveitando-se de momentos propícios e fecundos da realidade escolar, fazer este que resgata o valor sociocultural da Arte teatral, ao demonstrar sua funcionalidade no cotidiano escolar.

Nesse sentido, identificamos na fala da professora Noêmia uma busca por aperfeiçoamento da sua prática, uma vez que, segundo ela, a formação para atuar com Arte, e mesmo com teatro é restrita, ela afirmou que: “nesse momento eu estou até mais empenhada mesmo em procurar avançar para que o trabalho realmente seja do jeito que deve ser feito, para que a Arte realmente seja significativa na vida deles, que a gente sabe como é importante para o desenvolvimento do ser humano, não é?”.

A professora Lúcia se mostrou num movimento de aprofundar os estudos no uso do teatro na sua prática, uma vez que para ela, há uma relação de coerência necessária entre o que se propõe e as competências e compreensão para se efetivar tais práticas. Segundo ela, “estudar algumas coisas porque como é que eu ia ensinar, falar de alguma coisa que eu não tinha muita propriedade?”. Notamos que

esta professora expõe necessárias competências para o ensino-aprendizagem da Arte como caminho de efetivação de sua prática. Concordando com essa premissa, ela atribui ao ato de refletir sobre a prática um meio de buscar sua atualização frente às novas demandas, desse modo não se estagnar.

Respondendo a mesma pergunta, a professora Graça ponderou: “a partir do momento em que você a deixa pensar, ela vivenciar aquilo, ela buscar aquilo você começa a ver outras coisas que podem surgir a partir daquele momento”. Essa professora demonstrou estar sempre atenta aos processos criativos, aos repertórios, as culturas ali trocadas e enriquecidas, assim, isso reflete no modo como a docente pensa sua prática.

#### **4.1 O teatro e as fontes de conhecimento para subsidiar a prática pedagógica**

De acordo com a perspectiva sobre o trabalho com teatro, identificamos nas falas das professoras diferentes fontes de conhecimentos que podem contribuir ou não com o fazer teatral e artístico na creche, são eles: “intuição”, “senso comum”, conhecimento como sinônimo de “ruminar os autores, digerir”, e também “conhecimento que é vivido, sentido”.

A professora Noêmia falou que usa da intuição no seu trabalho com teatro já que a formação do professor, tanto inicial como continuada é falha. Consideramos que o uso da intuição no fazer artístico com crianças é algo inerente ao processo criativo, pois a Arte se utiliza de dimensões do sujeito que abrange o campo da sensibilidade. A professora sustenta na sua fala,

Eu digo que as professoras de Educação Infantil não tem essa formação específica com o trabalho de Arte. Então, a gente utiliza muito da intuição que é uma falha mesmo da nossa formação, tanto na formação acadêmica, como na formação pessoal. Então, assim essa formação pessoal é muito importante e eu procuro avançar para que o trabalho, realmente, seja do jeito que deve ser feito, para que a Arte realmente seja significativa na vida deles, que a gente sabe como é importante para o desenvolvimento do ser humano” por essa formação ter essas falhas a gente usa muito da intuição e de não saber se está sendo certo, de não saber se realmente é pra se trabalhar daquela maneira, mas a gente vai tentando e eu acho que tá dando certo.

A ideia que se apresenta sobre o uso da intuição nos parece ambígua, ora ela é um substitutivo da ausência de formação específica, ora é um recurso insuficiente para atestar se está se fazendo certo o trabalho e/ou da maneira que é

pra ser, segundo a professora. No entanto, essa dimensão da intuição, segundo Ostrower (2013, p. 56): “[...] vem a ser um *dos mais importantes modos cognitivos* do homem [...] permite que, instantaneamente, visualize e internalize a ocorrência de fenômenos, julgue e compreenda algo a seu respeito”. Como já ressaltamos, anteriormente, o uso da intuição na prática com teatro complementa outras formações do docente, sendo indispensável ao seu exercício cotidiano, pois como afirma a autora citada acima a “intuição está na base dos processos de criação”, ou seja, é imprescindível para o fazer docente, visto que o cotidiano escolar exige flexibilidade, sensibilidade e diferentes leituras das realidades que se apresentam.

Em se tratando de um conhecimento que é construído com a vivência a professora Graça disse: “Eu acredito que o professor a partir do momento em que ele vivencia a Arte [...] eu acredito que esse professor ele vai conseguir entender como é trabalhar com Arte em sala, senão é muito difícil ter essa compreensão.” Corroborando com essa ideia, Duarte Junior (1991) defende que essas dimensões da razão e do sensível devem se reintegrar ao contexto da educação, devolvendo a dimensão “integralizadora do ser”.

As professoras enfatizaram a necessidade de viver a Arte no meio cultural, social e pedagógico como parte do processo formativo, enquanto pessoa e profissional. Para a professora Maria Clara é preciso acreditar, inserir-se num contexto de fruição estética para assim refletir na atuação como docente, para enriquecer a prática pedagógica, como ela nos relata,

Então, se eu não acredito, se eu não vou a um show, se eu não vou ao teatro, se eu não vou ver nenhum tipo de exposição de Arte isso é claro que a minha criança, a minha prática vai ser mais pobre e o desenvolvimento dessa criança, é claro que ela vai se desenvolver, mas poderia ser um desenvolvimento bem mais rico se eu tivesse esse contato com a Arte porque eu estaria falando com certa propriedade sobre aquilo e acreditando que aquilo vai fazer a diferença no desenvolvimento dela porque fez no meu desenvolvimento, né? Enquanto ser, cidadão, sujeito histórico.

Esta fala da professora Maria Clara revela que a inserção do teatro, e de outras formas artísticas na prática pedagógica se dar mediante a vivência pela professora. Pois para se praticar a Arte no cotidiano escolar, de forma mais rica e eficiente, seria necessário que as demais educadoras também tivessem outras experiências estéticas, momentos de apreciação e fruição artística. Ela acredita que dessa forma, o fazer pedagógico seria enriquecido proporcionando também às

crianças outras formas de aprendizagens e ampliação do seu conhecimento de mundo.

#### **4.2 Práticas pedagógicas teatrais dentro do brincar**

É importante saber, que de acordo com as DCNEI, Brasil (2009), as práticas pedagógicas devem se fundamentar na brincadeira e interações, e pelo que foi colocado pelas professoras quanto à efetividade de suas práticas, elas correspondem a esse princípio legal. Quando elas afirmam que o teatro acontece “dentro da brincadeira”, que a “brincadeira é uma espécie de teatro”, essa orientação para o trabalho pedagógico é atendida. “Eu sempre gosto de trabalhar principalmente o teatro dentro da brincadeira como todas as outras Artes“. Configura-se assim o teatro numa perspectiva do brincar, dentro de um jogo. Para Reverbel (1997, p.111): “[...] a melhor brincadeira teatral infantil só tem lugar onde a oportunidade e encorajamentos lhe são conscientemente oferecidos por uma mente adulta”.

Concordando com essa afirmativa da Reverbel, de que é imprescindível oportunidades da brincadeira teatral por uma mente adulta, então é desse lugar de professora que para além das práticas pedagógicas orientadas pelas brincadeiras, visto que é o principal modo de expressão da criança, a brincadeira teatral, artística precisa estar na vida das professoras. Do contrário, é como expõe a professora Maria Clara:

Como é que eu vou fazer com que a criança. Promover a criança a algo como o teatro ou qualquer tipo de Arte, se eu não tenho conhecimento próprio, se eu não tenho propriedade para falar sobre isso com as crianças, e se eu não acredito nisso como um processo de fruição, um processo de desenvolvimento, se eu não acredito, se eu não gosto de Arte ou se eu não tenho nenhum tipo de contato, é claro... uma coisa que eu não conheço, eu não vou poder transmitir. Então, eu acho que inicialmente, em minha opinião, passa-se primeiro pela formação do professor, formação, eu não digo só formação acadêmica, mas a formação pessoal, né?

Consideramos como princípio fundante do fazer teatral na creche à afirmação sobre aprendizagem em Arte apontada por Reverbel (1997, p. 24), em que explica: “a criança aprende atuando, motivo pelo qual é preciso que a professora lhe ofereça oportunidades de atuação”. Neste mesmo sentido a perspectiva sociointeracionista corrobora com essa proposição de que a criança aprende na

interação com o meio.

De acordo com a professora Graça, há uma liberdade para criação de cenas, nas quais as crianças se utilizam daquilo que foi disponibilizado, e imaginam, criam personagens, reproduzem cenas, “trazem sua compreensão do cotidiano e também das histórias conhecidas”. Percebem-se aspectos pertinentes a essa prática do jogo teatral que as crianças dispõem de materiais, espaços e protagonismo, inclusive sendo possível um diálogo com seu dia a dia. As produções das crianças são também processos de brincadeira, de faz de conta, de invenção. Isso difere da crítica ao trabalho com Arte feito por Anjos (2012) na Educação Infantil em que os resultados e temas, às vezes, são alheios às necessidades do grupo.

### **4.3 Os desafios da prática pedagógica com o teatro**

No que concerne à pergunta sobre quais os desafios de se trabalhar com teatro na creche, as professoras expressaram que, para utilizar o teatro necessita que o professor tenha vivência, busque na sua formação pessoal ter contato com Arte, e apropriar-se de referências teóricas para se realizar uma prática, que segundo a professora Noêmia, “seja significativa para a vida das crianças”. Há vários aspectos da prática pedagógica apontados pelas professoras como desafiantes à efetivação da linguagem teatral no seu cotidiano. Segundo a professora Maria Clara o que lhe parece desafiante é a busca do conhecimento, no seu depoimento ela destaca dimensões importantes dessa busca, vejamos:

Eu acho que conhecer ele muda comportamento, muda atitude, conhecer, ele muda sua forma de ver o mundo e ver o outro, né? Eu acho que o grande desafio da nossa prática é eu ir atrás de conhecimento, sabe? Se eu conheço, se eu tenho experiência, quando eu digo experiência de ouvir os autores, tentar ruminar, digerir e ruminar tudo aquilo que eu escuto e que eu leio isso vai refletir na minha prática, mas isso é um desafio.

Sabemos que a educação se efetiva também por meio das políticas públicas, de um planejamento e uso de recursos, pois do contrário, é como diz a professora Graça: “você trabalha muito com o improvisado, [...] de uma doação, você leva um pano, um TNT”. Portanto, para se efetivar as práticas pautadas no teatro, necessita da garantia de investimentos econômicos. E essa realidade é comum em diversas instituições de Educação Infantil. Essa realidade convive também com expectativa de avanços, pois já que vivemos num atual momento, em que a

conjuntura política elege a educação como motora do desenvolvimento econômico e social com possibilidades de se efetivarem metas para a educação.

Segundo a professora Graça, “a Arte, ela exige o movimento, ela exige o espaço, ela exige um pertencimento da atividade. A criança precisa tá pertencendo aquilo”. No entanto, um desafio que se apresenta refere-se ao quantitativo de crianças por turma, que de acordo com a professora não condiz com o espaço disponibilizado para o atendimento das mesmas. Essa realidade ainda está presente em nossas instituições contrariando o que determina a Resolução 002/2010 que estabelece um número de crianças (de acordo com a faixa etária) para cada professor(a). (FORTALEZA, 2010). Nesse sentido, infelizmente, esta resolução que tem caráter mandatório ainda aguarda efetivação na rede pública de Fortaleza.

Contudo, a professora Noêmia ressalta o apoio da gestão representada pela coordenadora pedagógica da creche, que atende as solicitações de material, tentando viabilizar o trabalho como um todo, apesar da escassez de recursos. De acordo com a professora, a realidade da creche teria um desafio maior se não fosse esse apoio da gestão, conforme a Professora Noêmia,

A gente até consegue pelo mínimo que a gente tem, a gente tem uma gestão aqui na “Floresta encantada” que nos apoia, que faz de tudo para que o trabalho aconteça. Quando a gente pede material, quando não tem, ela se vira, vai atrás na escola, vai atrás em outras creches. Então, esse apoio que antes a gente não tinha, agora a gente tem, isso também é importante para o trabalho fluir melhor.

Para além dos desafios de material pedagógico, percebemos na fala da professora Graça, a dificuldade que é ter uma rotina em que a ênfase é no cuidar. A professora Graça diz que,

A rotina é massacrante, porque ela traz o cuidar, por mais que você tente colocar o brincar, ou a Arte, tudo isso, o cuidar, ele acaba tomando muito do seu tempo. Então, muitas vezes por mais que você queira propor uma vivência, uma coisa, muitas vezes você é tolhida por conta do tempo.

Conforme as DCNE, Brasil (2009), as propostas pedagógicas devem assegurar a indissociabilidade entre educar e cuidar. Ainda de acordo com este documento, é importantes que as propostas pedagógicas assegurem os princípios éticos, políticos, estéticos que são premissas para uma educação pautada na autonomia, no exercício da criticidade, na sensibilidade, criatividade, enfim na liberdade de expressão das diferentes manifestações artísticas e culturais.

As professoras falaram de suas experiências de vida com Arte de modo a

relacioná-las ao seu fazer pedagógico. Estabeleceram parâmetros que vão do convívio com a Arte na infância e na formação acadêmica. Percebe-se que a relação com a Arte está para além do cotidiano institucional e se fundamenta num viver a Arte. Segundo as professoras é possível realizar práticas pedagógicas com Arte se elas forem vivenciadas, devendo ser uma “busca pessoal”. Esta busca precisa estar na “formação pessoal” de cada educador/educadora.

É relevante observar nas falas das professoras, a atribuição que a formação pessoal tem na atuação pedagógica com o teatro na Educação Infantil. Quando perguntadas sobre o que motivou o uso da linguagem do teatro nas suas práticas pedagógicas, as professoras responderam que se deveu a vários fatores, dentre eles, a influência de ter familiares artistas, de ter participado de disciplina na pós-graduação sobre Arte na infância, e por ter integrado grupo de teatro quando adolescente, como também ter lecionado teatro.

Para a professora Maria Clara, torna-se imprescindível para o trabalho com teatro se inserir na vida cultural e artística, pois assim, através das vivências, pode ser propiciado experiências mais ricas às crianças, “às vezes, tão carente de Arte no seu cotidiano familiar.”

Encerrando esse trabalho, faremos as considerações finais sobre o processo investigativo da pesquisa, apontando os possíveis resultados a respeito da perspectiva das professoras sobre o fazer teatral na sua prática pedagógica, ressaltando aspectos que ajudaram na compreensão, assim como, contribuições da pesquisa para a formação da professora pesquisadora e futuras pesquisas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos na pesquisa revelaram que o jogo teatral na prática docente acontece, cotidianamente, articulado a outras práticas artísticas, como a música e a dança. Desse modo, o teatro na creche se articula às demais linguagens artísticas, sendo abordado com as crianças dentro de projetos pedagógicos.

Ao serem indagadas sobre a atuação com teatro na prática pedagógica, as professoras, em geral, demonstravam necessidades de falar das diversas linguagens artísticas, ora como um quadro de referências conceituais, vivenciais, ora como sendo imprescindível ao teatro, já que nele “são vivas as outras linguagens”, assim afirmou a professora Lúcia. No entanto, ainda de acordo com a fala das professoras, há necessidade de formação específica para atuação com teatro.

O jogo teatral na creche “Floresta Encantada” se estrutura a partir das atividades de literatura infantil através da contação de história e seu reconto pelas crianças, onde pelo jogo de papéis, pelo faz de conta, enfim através da brincadeira as crianças manifestam sua expressividade. Percebe-se que as contribuições do teatro para aprendizagem se dar pelo desenvolvimento do jogo, da imitação da ação da professora, oralidade, e da confiança, dentre outras.

Contudo, segundo as docentes há muitos desafios na construção de uma prática pautada na Arte teatral que vão desde materiais, à formação específica para atuar na área, como formação pessoal com vivências e apreciação artística. Mesmo com o apoio da coordenação, de um projeto que orienta as ações das professoras, ainda se pode apontar como limitadora das possibilidades de intervenção pedagógica a estrutura precária, rotina às vezes dedicada ao cuidar em detrimento da ação conjunta de cuidar e educar.

De acordo com a hipótese levantada os modos de articulação do teatro ao cotidiano pedagógico se confirma pela relação do grupo de professora com a Arte em diferentes âmbitos formativos, sendo de algum modo possível transpor para o seu cotidiano junto as crianças. Observamos então, que as professoras, mesmo de forma incipiente, fundamentam sua prática pedagógica pautada na Arte teatral, a partir das suas experiências nos contextos de formação pessoal e pedagógico.

Sinalizamos com essa monografia que a perspectiva das professoras sobre a prática pedagógica pautada no jogo teatral diz respeito a concepção de teatro como manifestação expressiva, artística em que as crianças são capazes de



comunicar-se através dessa linguagem. Que o fazer teatral é visto como processo e experiência de construção de si e do outro imerso na cultura, no cotidiano. E que o jogo teatral se organiza em contextos de brincadeira de faz de conta, dispondo de recursos como o baú da fantasia, livros literários e fantoches.

Ressaltamos que as professoras produzem teatro com e para as crianças, a partir das observações das crianças onde são considerados temas a serem desenvolvidos no teatro ou mesmo em outras manifestações de natureza artística, lúdica. Para isso dispõem de momentos coletivos, dos quais se definem planos de trabalho. É notório o discurso articulado e comum das professoras sobre a importância da Arte. O que nos leva a pensar que há um conjunto de ações dentro ou fora da instituição que permite esse discurso alinhado. Outra leitura a respeito desse discurso é que seja viabilizado pela realização de projetos que têm a participação efetiva dessas profissionais, ou ainda, cabe a ideia de que há uma concepção de Arte oportunizada pelo encontro, pelo menos das três professoras: Noêmia, Maria Clara e Lúcia, num espaço de formação acadêmica que é o curso de especialização em Docência na Educação Infantil ofertado pelo Ministério da Educação (MEC) e a Faculdade de Educação (Faced) da Universidade Federal do Ceará (UFC) aos professores e gestores da rede de educação municipal.

O caminho percorrido até aqui foi muito aguardado e desejado, no entanto, a superação das etapas difíceis do processo, tanto de escrita como de leitura atribuímos ao fato de estar integrada a um grupo de professoras do curso já mencionado. Consolidar a ideia de exercer o papel de professora pesquisadora nos satisfaz pela oportunidade de investigar e perceber novas realidades, outros modos do fazer pedagógico que são comuns e, às vezes, bem diferentes. É gratificante pesquisar a realidade da Educação Infantil, especificamente, o teatro na creche, pela sensação e reflexão que provoca ao estar diante de dilemas que também são comuns ao nosso cotidiano de trabalho.

Atribuímos ao curso de especialização em Docência na Educação Infantil a importante experiência formativa com Arte. Por exemplo, nas disciplinas de: Linguagem, Oralidade e cultura escrita, Expressão e Arte na Infância, Natureza e Cultura: conhecimentos e saberes, a preocupação desta formação acadêmica aliada a uma formação estética e artística à medida que as aulas eram realizadas em exposições de artes plásticas, exibição de espetáculo de dança, e através do exercício de criação e produção artística em sala. É possível vislumbrar a docência

permeada por saberes de dimensões racionais e sensíveis, criativos e objetivos.

Aprendemos envolvida no movimento de Arte, orientada pelos artistas Ray Lima e Junio Santos, a ter uma postura de artista e educadora que atuasse de modo diferenciado, singular e principalmente comprometido com as causas populares, com o projeto democrático que possibilitasse a todos e aos menos favorecidos, em especial, a ter suas conquistas éticas, políticas e principalmente estéticas.

Por fim, consideramos esses dados importantes, uma vez que revelam reflexões sistemáticas sobre o jogo teatral na prática docente, descortinando a invisibilidade do trabalho de Arte na Educação Infantil, propriamente na creche com crianças pequenas que se mostram capazes de atuar dramaticamente pelo jogo, pela brincadeira infantil se contrapondo e desmistificando às ideias de Arte infantil como “traquinagem”, “danação” e de que criança não é capaz de representar. Desta forma, registramos o desejo de fazer a devolutiva dessas reflexões para o grupo de professoras e coordenação pedagógica para que sirva de subsídios para o fortalecimento da ação docente, apontando as potencialidades e indicando possíveis caminhos de (re)construção do trabalho coletivo.

Indicativos de futuras pesquisas se mostram evidentes, uma vez que, os sujeitos contemplados foram apenas as professoras, o que consideramos relevante, mas também nos interessa saber da perspectiva dos demais envolvidos na educação das crianças no tocante ao tema da Arte teatral. Nesse sentido, se fortalece o desejo de aprofundar a problemática contida nessas questões aqui abordadas, claro que com mais arcabouços teóricos, com mais clareza do objeto de estudo, para galgar outros estágios do pensamento.

Encerrando nossas considerações apontamos que a pesquisa revela que o fazer artístico é imprescindível no contexto das práticas pedagógicas da Educação Infantil, aliás, em toda educação básica. Porém, essa prática deve estar presente dentro de um contexto de brincadeira pensada e planejada por profissionais competentes e comprometidos, assim, faz-se oportuno contextos de formação continuada que enfoque o fazer artístico na creche, tendo em vista, a busca contínua e pessoal de viver Arte com toda sua diversidade e potencialidades.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria do Socorro Silva. Projeto de aprendizagem: somos príncipes e princesas - literatura infantil, teatro e socialização. In: SILVA, Kátia Cristina Fernandes e; CRUZ, Rosimeire Costa de Andrade; CRUZ, Sílvia Helena Vieira. (Orgs.). **Práticas pedagógicas na Educação Infantil**. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

ANJOS, Cleriston Izidro dos. **Estágio na Licenciatura em Pedagogia: Arte na Educação Infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió, AL: Edufal, 2012. (Série Estágios – Coordenação: Mercedes Carvalho e Edna Prado).

BARBIERI, Stela. **Interações: onde está a arte na infância?** São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção InterAções).

BARBOSA, Maria Carmen; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos pedagógicos na Educação Infantil**. São Paulo: Artmed, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394/96. Brasília: MEC/SEB, 1996. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil03/leis/L9394.htm>>. Acesso em: 12 set. 2014.

\_\_\_\_\_. Ministério de Educação. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998. Disponível em: <[portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf)>. Acesso em 12 ago. 2014.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. Disponível em: <[portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf)>. Acesso em: 12 ago. 2014.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2009. Disponível em: <[portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&task=doc](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc)>. Acesso em: 12 set. 2014.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Brinquedos e brincadeiras de creches**: manual de orientação pedagógica. Brasília: MEC/SEB, 2012. Disponível em: <<http://www.plataformadoletramento.org.br/acervo-para-aprofundar/561/brinquedos-e-brincadeiras-de-creches-manual-de-orientacao-pedagogica.html>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

CEARÁ, Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC). **Orientações Curriculares para a Educação Infantil**. Fortaleza: SEDUC, 2011. 144p. Disponível em:<[file:///C:/Users/Roberia\\_PC/Downloads/orientaes%20curriculares%202011%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Roberia_PC/Downloads/orientaes%20curriculares%202011%20(1).pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2014.

DUARTE JUNIOR, Francisco. **Por que Arte-educação?** 6. ed. Campinas: Papirus, 1991.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos estéticos da Educação**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1988.

FORTALEZA. Secretaria Municipal de Educação (SME). **Proposta Pedagógica da Educação Infantil**. Fortaleza: SME, 2009. Disponível em: <[www.sme.fortaleza.ce.gov.br/cme/index.php/resolucoes?download](http://www.sme.fortaleza.ce.gov.br/cme/index.php/resolucoes?download)>. Acesso em: 10 ago. 2015.

\_\_\_\_\_. Conselho Municipal de Educação. **Resolução nº 002/2010**. Normas para o Ato de Criação, Credenciamento e Autorização de Funcionamento de Instituições Públicas e Privadas de Educação Infantil no âmbito do Sistema Municipal de Ensino de Fortaleza. Fortaleza: SME/CME, 2010. Disponível em: <[www.sme.fortaleza.ce.gov.br/cme/index.php/resolucoes?...002-2010](http://www.sme.fortaleza.ce.gov.br/cme/index.php/resolucoes?...002-2010)>. Acesso em: 12 set. 2014.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas. Tradução Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo horizonte: Editora UFMG, 1999.

LIMA, RAY. **Tudo é poesia**. Livro II. 2. ed. Mossoró: Editora Queima Bucha, 2005.

LINHARES, Ângela Maria Bessa. **O tortuoso e doce caminho da sensibilidade**: um estudo sobre a arte e educação. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

MINAYO, M. C. de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** 29. ed. Petrópolis, Vozes, 2013.

RABELO, Cleison Luis. **Brincando de teatro - oficina de teatro: Recurso Pedagógico na formação do educador.** Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2008.

REVERBEL, Olga. **Um caminho do teatro na escola.** São Paulo: Scipione, 1997. (Pensamento e ação no Magistério).

SILVA, José Airton Félix Cirilo da. **Icapuí: uma história de luta.** Fortaleza: Gráfica Encaixe, 1998.

## APÊNDICE A

### ENTREVISTA APLICADA ÀS PROFESSORAS

1. Como você percebe a Arte do teatro na sua prática pedagógica?
2. O que você pensa sobre o teatro na creche?
3. Quais os desafios de se fazer uma prática pedagógica pautada no jogo teatral?
4. O que levou você a utilizar a linguagem do teatro na sua prática pedagógica?  
Por quê?

**APÊNDICE B**  
**CARTA DE APRESENTAÇÃO**

Sou Cláudia Robéria da Silva, identidade nº 2007010176886 aluna do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Universidade Federal do Ceará. Para realizar minha pesquisa de campo, venho por meio desta solicitar à Secretaria de Educação autorização para meu levantamento de dados.

Minha pesquisa tem como título “O jogo teatral na prática docente: experiências pedagógicas em uma creche municipal de Fortaleza”, tendo como objetivo geral compreender as perspectivas das professoras acerca do fazer teatral na prática pedagógica.

Para isso, precisarei fazer entrevistas com 04 (quatro) professoras que integram a equipe docente da creche e que, posteriormente, servirão de análise para o tema abordado. Por entender que essa atividade exige uma postura ética, coerente com esse princípio é que manteremos em sigilo a identidade institucional, como também dos seus profissionais, seus nomes e o nome das escolas, não serão divulgados em nenhum momento.

Estarei à disposição para quaisquer esclarecimentos através do e-mail claudiaroberia2013@gmail.com e do celular 89172-822/3046-3281.

Certa de vosso apoio e compreensão,

Cláudia Robéria da Silva